



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALINE DIAS RODRIGUES

**VISÕES SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO OU RESISTÊNCIA
ENTRE SENHOR E ESCRAVO NEGRO NO BRASIL
(SÉCULOS XVI E XIX)**

GUARABIRA/PB

2013

ALINE DIAS RODRIGUES

**VISÕES SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO OU RESISTÊNCIA
ENTRE SENHOR E ESCRAVO NEGRO NO BRASIL
(SÉCULOS XVI E XIX)**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito básico para conclusão dos créditos do Componente Curricular Metodologia do Trabalho Científico, tendo como orientador o Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

GUARABIRA/PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

R696a Rodrigues, Aline Dias

Visões sobre o processo de submissão e resistência
entre senhor e escravo negro. (séculos XVI e XIX) / Aline
Dias Rodrigues. – Guarabira: UEPB, 2013.

13 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.”

1. Escravidão 2. Processo de Submissão 3.
Resistência Negra. I. Título.

22.ed. CDD 981

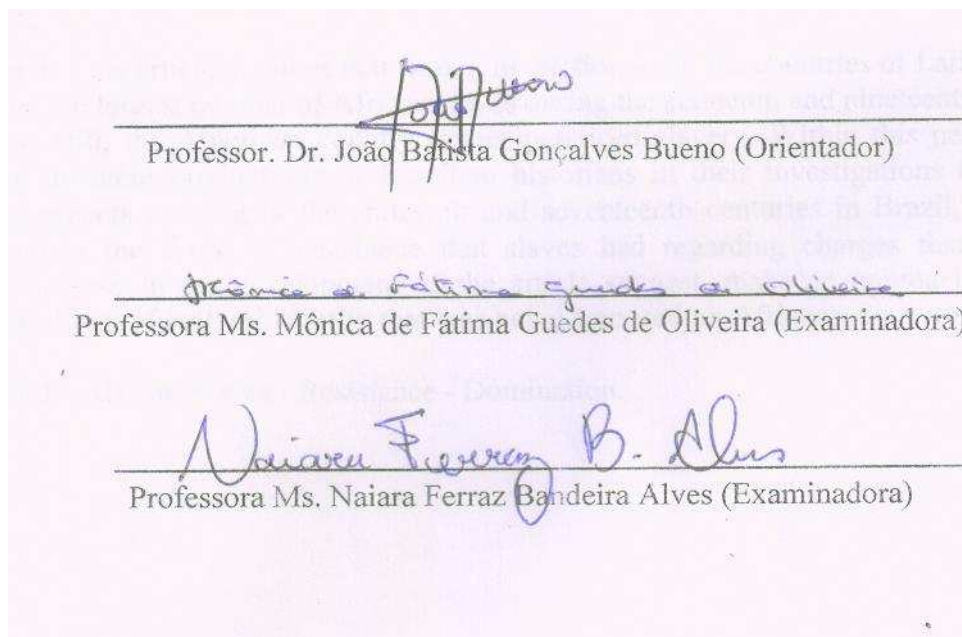
ALINE DIAS RODRIGUES

**VISÕES SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO OU RESISTÊNCIA
ENTRE SENHOR E ESCRAVO NEGRO NO BRASIL
(SÉCULOS XVI E XIX)**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito básico para conclusão dos créditos do Componente Curricular Metodologia do Trabalho Científico, tendo como orientador o Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno.

Guarabira, Dezembro de 2013

BANCA EXAMINADORA



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1 - PROCESSO DE CAPTURA DO NEGRO.....	05
2 – FORMAS DE RESISTÊNCIA.....	09
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	12

VISÕES SOBRE O PROCESSO DE SUBMISSÃO OU RESISTÊNCIA ENTRE SENHOR E ESCRAVO NEGRO NO BRASIL (SÉCULOS XVI E XIX)

Aline Dias ¹ (UEPB)

Alinedias89@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo parte do pressuposto que o Brasil, em relação a todos os países da América Latina, recebeu o maior número de escravos africanos durante os séculos XVI e XIX, e foi ainda, o país americano que mais tempo praticou a escravidão. Dentro desta perspectiva, procuro analisar diferentes produções de Historiadores brasileiros que expõem em suas investigações aspectos gerais existentes nos séculos XVI, e XIX no Brasil, que podem caracterizar as formas de resistência que os escravos tiveram em relação às imposições que lhe eram destinadas. No desenvolvimento do artigo proponho também, fazer uma abordagem a cerca do processo de adaptação a uma nova cultura que foi sendo agregada aos africanos desde sua chegada ao Brasil.

Palavras-chave: Escravos africanos – Resistência - Dominação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade analisar a participação dos negros na formação da sociedade brasileira como também construção de uma nova identidade. Para elaboração deste artigo, foi feito o levantamento e análise de diversas obras historiográficas em torno do tema abordado. É consenso entre os Historiadores especializados no período colonial brasileiro² que o tráfico de escravos era uma das formas mais lucrativas do período, suprimindo a necessidade de mão de obra para a agricultura e para os diferentes trabalhos urbanos e rurais. Segundo a historiadora Marina de Melo e Souza a escravidão no Brasil teve início com a produção canavieira na primeira metade do século XVI e, ainda no século XIX, o país ainda se encontrava como a única nação independente da América que estava envolvida com o tráfico negreiro e possuía o mais diverso e amplo sistema escravista.

¹ Acadêmica do curso de História – Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba.

² Trabalhei com a produção historiográfica dos(as) seguintes historiadores(as): Marina de Melo e Souza, Kátia Matozo, Reginaldo Prandi, José Antônio Gonçalves de Melo, Robert Conrad, Wlamira R. de Albuquerque, Maria de Fátima Rodrigues das Neves; Reginaldo Prandi; Wlamyra R. de Albuquerque e Ciro Flamarion Cardoso.

De acordo com a historiadora Marina de Melo e Souza, é importante ressaltar que em meados do século XVI um relevante número de negros escravizados começavam chegar a América portuguesa, no entanto, existe uma grande divergência sobre qual a quantidade exata de negros africanos foram trazidos ao Brasil e a América durante o período que durou o tráfico. Fala-se em 10 a 20 milhões de escravos que, tirados de sua terra, foram “jogados” no então chamado Novo Mundo. O Brasil importava da África além de trabalhadores escravos que cultivaram os canaviais, escravos para trabalhar nas minas, nas casas de colonos, na criação de gado e no comércio de tecido e sabão.

1 PROCESSO DE CAPTURA DO NEGRO

Kátia Mattoso acredita que, a ambição por riquezas fáceis era o motor daqueles homens (portugueses e espanhóis) que não aguentavam mais esperar para começar a explorar as novas terras da colônia americana. Sendo assim, já em 1502, os primeiros carregamentos de escravos chegavam à América Espanhola. A autora fala dos portugueses que perceberam no Brasil uma grande oportunidade de enriquecimento fácil e portanto, passaram a explorar a colônia que já era povoada pelos nativos. (MATTOSO, 2003, p.19).

Segundo Reginaldo Prandi a escravidão não foi algo completamente novo aos olhos dos povos africanos. Antes da invasão da África pelos europeus, os mesmos já a praticavam. Todavia escravidão praticada por eles era bem diversificada da que seria aplicada em solo brasileiro. Nas sociedades africanas mais hierarquizadas, a escravidão existiu, mas esta era quase patriarcal: o cativo se integrava à família e não poderia ser vendido. Outra forma da pessoa se tornar escravo era a partir dos conflitos entre tribos rivais. Neste caso, os prisioneiros (vencidos) eram vendidos para outros povos que os escravizavam. Portanto, as pessoas se tornavam escravizadas na África principalmente pelas guerras. Outra forma de escravidão presente na África foi a escravidão por dívida: o indivíduo endividado passava a ser escravo do credor da dívida. Mocelin e Carvalho asseveram que:

Desde os tempos mais antigos, alguns homens escravizaram outros homens, que não eram vistos como seus semelhantes, mas sim como inimigos e inferiores. A maior fonte de escravos sempre foram as guerras, com os prisioneiros sendo postos a trabalhar ou sendo vendidos pelos vencedores. Mas um homem podia perder seus direitos de membro da sociedade por outros motivos, como a condenação por transgressão e crimes cometidos, impossibilidade de pagar dívidas, ou mesmo de sobreviver independentemente por falta de recursos. [...] A escravidão existiu em muitas sociedades africanas bem antes de os europeus começarem a traficar escravos pelo oceano Atlântico. (SOUZA, 2006, p. 47 apud MOCELLIN; CARMARGO, 2010, p. 174).

O mesmo desejo por lucro que moveu os mercadores europeus moveu uma parte dos africanos, que passaram a capturar e vender seus “irmãos” como se essa atividade fosse algo bastante comum e natural. Daí percebe-se que os autores estudados acreditam que um dos beneficiados com o tráfico negro foram os chefes tribais.

Percebemos também que o tratamento escusado na colônia portuguesa aos africanos escravos, tanto quanto sua forma de viver e sua resistência variam de uma região para outra.

O historiador José Antônio Gonçalves de Melo concorda com Robert Conrad afirmando que, “Os negros poderiam ser escravizados de várias formas, dentre essas formas havia maneiras legais (consideradas tradicionais) e os meios ilegais.”³ (CONRAD, 1985.p.49)

Robert Conrad nos mostra ainda que, dentre as formas “legais”, era possível fazer escravos a partir da condenação por juízes locais africanos por adultério ou roubo; pela substituição de familiares por escravos masculinos; e por se tornarem prisioneiros de guerra. Eram consideradas “ilegais”: o rapto e a venda de parentes próximos de chefes de família. A caça de escravos se dava da seguinte forma: eram realizados ataques a lugares remotos, organizados pelos tangos-maos, os quais aprisionavam tantos negros quanto pudessem. Por muitas vezes, os grupos de africanos capturavam cativos injustamente e diziam que eram prisioneiros de guerras justas. Além dessas formas de se tornarem escravos os portugueses escravizavam parentes livres de fugitivos.

É importante ressaltar que é consenso entre os estudiosos que além das péssimas qualidades da comida e o trabalho em excesso, os escravos conviviam com vários tipos de abusos. Segundo a historiadora Wlamira R. de Albuquerque no início do século XIX, os escravos eram submetidos a punições bem mais severas. Eles viajavam em navios pequenos quase sem espaço para se locomoverem por muitas vezes permaneciam apenas sentados. Isto acontecia, pois os traficantes construíam um segundo compartimento nos porões dos navios para que abrigassem o maior número de pessoas. Todo esse processo de captura, de transporte, de venda e de adaptação a nova terra fez com que muitos negros morressem. Muitos morriam ao longo do percurso entre a África e o Brasil, era frequente que a maioria desfalecia ainda na África, durante a caminhada que enfrentavam desde seu aprisionamento

³ CONRAD, Robert E. O tráfico: volumes, métodos, mercados. In: **Tumbeiros: o tráfico de escravos para o Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.p.49

até sua chegada aos portos de embarque na costa africana. O castigo era frequente. Os cativos recebiam punições por qualquer motivo. Entre eles pode-se citar a não realização de suas tarefas diárias ou quando desobedeciam ao senhor. Os donos de escravos utilizavam instrumentos variados para proporcionar dor a seus escravos, como o chicote de couro e a palmatória. Os castigos eram considerados um espetáculo e eram feitos publicamente. O sistema escravista constituiu um dos mais bárbaros modos de tratamento humano. Destacou-se como objetos de castigo: o açoite - chicote feito de cinco tiras de couro retorcido com nós; esse instrumento de tortura era utilizado para punir pequenas faltas ou acelerar o ritmo de trabalho; o tronco - nome dado a um instrumento de tortura e humilhação, usado em vários países; instrumentos de ferro - usados para maltratar os escravos, eram colares, correntes, algemas, cadeados, tudo para torturar os negros.

Além disso, os escravos permaneciam presos em senzalas, indefesos aos ataques de insetos e ratos, com contato com sua urina e fezes.

De acordo com Maria de Fátima R. das Neves os cativos aprendiam a conhecer cada um dos objetos de castigo que eram, destinados a suplicá-los. Desde a mais tenra idade os escravos já conheciam esses instrumentos, como também sabiam que para qualquer falta cometida, seriam castigados (NEVES, 1996, p 91).



Figura 1: imagem de uma açoite



Figura 2: O tronco.

Fonte: Acervo do Museu Imperial, Rio de Janeiro.



Figura 3 .colares de e instrumentos utilizados para prisão e para marcar a pele dos escravos

Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

No Brasil os escravos negros, durante os primeiros séculos da colonização, viveram situações de extrema violência e submissão aos seus senhores. No entanto, haviam momentos em que eles desempenhavam outros papéis. Por exemplo: participaram de batalhas e revoltas, quando Henrique Dias, um filho de escravo liberto, formou um batalhão para lutar contra holandeses na batalha de Guararapes (1648 – 1649), em Pernambuco. Este escravo foi considerado um herói.

Robert Conrad assevera ainda que:

Os africanos que chegavam ao Rio de Janeiro (...) eram levados primeiramente à alfândega, onde eram arrecadados os impostos sobre todos os que tinham mais de três anos. Daí iam para a quarentena (...) onde de acordo com a lei eram confinados por pelo menos oito dias, tratados de suas doenças, e recebiam comida fresca e uma nova muda de roupas. Daí normalmente chegavam às mãos de um mercador de escravos.⁴

Após uma longa jornada nos navios viajando de forma precária os escravos que conseguiam sobreviver chegando no Brasil eram dado-lhes algumas condições para que fossem vendidos alguns iam direto para os armazéns, espécie de depósito dessa forma ficavam resguardados longe do tumulto da cidade para que não tivessem contato com as

⁴ CONRAD, *Tumbeiros*, p.58

peessoas já que muitos não tinham roupa e estavam doentes. E eram para esses depósitos que os interessados iam, afim de comprar escravos outros negros iam direto para as fazendas, pois já tinham sido encomendados.

No Brasil destacava-se o cultivo da cana-de-açúcar como o trabalho rural. Este foi desenvolvido nas províncias do norte e o nordeste da colônia. Este produto foi por décadas o mais importante na economia brasileira, sobretudo nas áreas litorâneas.

Lançados a força ao território brasileiro, os negros tiveram papel fundamental na formação de nossa sociedade. O negro africano deixou o seu legado cultural. Além de ser um povo guerreiro e criativo resistiram a tantas injustiças e desigualdades em relação ao branco. Prandi enfatiza que podemos observar muitas influências do negro em nossa cultura: nas artes, na música, na dança, na comida e na religião etc.

O negro foi muito importante na formação do povo brasileiro. Eles resistiram à opressão branca e iniciaram, no Brasil, os primeiros movimentos para a sua libertação, formando os quilombos.

O receio de uma revolta de escravos esteve presente ao longo de toda a história da escravidão no Brasil. Visando a defesa de seus interesses, a política oficial da Coroa não estimulava o agrupamento de africanos de mesma origem, temendo possíveis sublevações. Além disso, por serem normalmente vendidos em mercado aberto, peça por peça, era difícil manter negros de uma mesma etnia juntos, quebrando, dessa forma, a possibilidade de resistência e da sobrevivência da sua língua nativa e de suas culturas originais.

Os senhores de escravos sabiam que era importante fazer uma política de dividir para reinar. Quando ocorriam uma grande insatisfação entre os escravos, os senhores davam algumas concessões e evitando-se assim, revoltas. O chamado “costume do Brasil” ou “brecha camponesa” (CARDOSO, Ciro F. 1979. PP 133-54), é um exemplo dessas concessões. Neste caso, cediam-se pequenos lotes de terras aos escravos, que neles podiam cultivar mantimentos, como milho e mandioca, e criar alguns animais. Além disso, alguns dias, como sábado, domingo e dia santo eram designados para o cultivo nessas terras; possibilitando, inclusive, a comercialização de algum excedente.

2 FORMAS DE RESISTÊNCIA

Apesar da escravização, muitos negros conseguiam resistir aos trabalhos forçados impostos pelos seus senhores, rompendo, assim, as variadas barreiras que lhes prendiam a

escravidão. Existem muitos relatos de negros que afrontavam os seus donos, por exemplo, reduziam seu ritmo de trabalho, sabotavam as máquinas, destruíam ferramentas, incendiavam plantações. Há relatos de que mulheres grávidas não querendo ver seus filhos escravos, os abortavam. Em outros casos, ocorriam também tentativas de homicídio aos senhores. Um exemplo desses processos de resistência e de descontentamentos dos escravos foi a Revolta dos Malês (Bahia, 1835) e a Balaiada (Maranhão, 1838-1841). Uma das formas de resistências mais comuns eram as fugas. Neste caso, os negros encontravam abrigo junto a população mestiça do sertão. Com o aumento das áreas urbanas, no final do século XVIII os negros passaram a se infiltrar nas cidades, tentando-se integrar a sociedade.

Embora a economia escravista estivesse baseada principalmente na agricultura, os centros urbanos tiveram papel de destaque na utilização de mão de obra escrava. Os escravos desempenharam papel fundamental no dia a dia das cidades. Os chamados ‘escravos de ganho’ ocupavam-se do transporte de pessoas e mercadorias nas ruas e portos. (WLAMYRA R. de ALBUQUERQUE, 2006. p. 82-83)

Dentre os trabalhos executados nas cidades pelos escravos estavam o carregamento de objetos, o transporte de pessoas, além da responsabilidade da distribuição dos alimentos que abasteciam grande parte dos centros urbanos.

Devido a convivência com os mais diferentes tipos de gente percebia-se a dificuldade em reconhecer traços próprios de sua cultura, ou por terem absorvidos traços brasileiros em sua formação, ou pelo que alguns autores chamam de “branqueamento” da cultura africana. No caso do Ceará o autor Prandi afirma que:

Como caso externo, o Ceará, assolado pela seca, viu-se obrigado a se desfazer de quase toda a escravaria, pois restava aos senhores venderem os escravos para comprar comida para si e suas famílias, vindo a se tornar o mais branco dos estados brasileiros, não só racialmente, mas também culturalmente: no âmbito das religiões, emblematicamente, é o estado mais católico e menos afro-brasileiro do país.⁵

Num olhar rápido essa ideia defendida por Prandi pode ser considerada um equívoco, quando o autor utiliza a expressão “no Ceará não tem negros”. Prandi associa a presença de negros à escravidão. Consta-se que no Ceará a escravidão foi pouco expressiva, diferentes autores relatam que a comunidade negra no Ceará teria sido pequena. No entanto, não se pode desprezar as diversas especificidades desse contexto. No Ceará, segundo o censo de 1872,

⁵ PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. **Revista USP**. São Paulo: USP, no. 46. pp.52-65, jun/jul/ago 2000, p.57.

existia 42.593 negros⁶. Número pouco expressivo se comparado a população cearense, que era de aproximadamente 721.713 pessoas⁷

Segundo Funes devemos observar o imenso interesse dos senhores em estimular o “branqueamento” da raça brasileira, pois tais atitudes eram uma forma de evitar que os negros se unissem para lutar contra o sistema escravista. Embora os senhores tenham tentado promover esse apagamento cultural, muitas práticas típicas conseguiram sobreviver, destacando-se a religiosidade.

Uma das formas mais temidas de resistência escrava eram as fugas, que conseqüentemente provocavam a formação de novos aldeamentos coletivos, que eram chamados de quilombos. Em muitos dos casos essa era a primeira solução encontrada para fugir da violência a que os negros eram submetidos.

Já no século XIX, com o fim do regime escravocrata a população negra passou a ser considerada como uma das raças que originaram a sociedade brasileira. Assim o Brasil já era um país de negros, índios e brancos que representam bem essa mistura. Afirma Reginal Prandi.

A cultura africana que assim vai se diluindo na formação da cultura nacional corresponde a um vastíssimo elenco de itens que abrangem a língua, a culinária, a música e artes diversas, além de valores sociais, representações míticas e concepções religiosas. Mas, fora do campo religioso, nenhuma das instituições culturais africanas logrou sobreviver. Ao contrário cada contribuição é o resultado de um longo e lento processo de diluição e apagamento étnico a tal ponto que, diante de um determinado traço cultural, embora podendo reconhecer uma origem africana genérica, ainda sim é difícil, quando não impossível identificar o povo ou nação de que provém. (REGINAL PRANDI, 2000, p. 58 -59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o levantamento feito pelos historiadores que se debruçaram a analisar a historiografia do negro não dá pra fugir da realidade, pois os mesmos entenderam todo o processo de escravização negra que veio ocorrendo ao longo período de 300 anos como algo não recente e que vinha sendo praticado até mesmo na África e que o negro serviu como moeda de troca. E no caso do Brasil a opção pelo negro foi a fácil adaptação ao clima, a experiência, pois muitos já praticam a agricultura em sua terra de origem e principalmente a

⁶ Censo demográfico de 1872. Apud: FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone (org) **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p.105.

⁷ Ibidem, p.105.

resistência física, apesar de ficarem expostos a vários tipos de doenças e falta de higiene eles ainda assim resistiam as adversidades, mesmos assim muitos morreram.

Eles trabalhavam muito de sol a sol serviam aos senhores fielmente e eram submetidos a duros castigos, quando não conseguiam cumprir suas tarefas, castigos cruéis, muitos acabavam fugindo, foi assim que surgiu, os quilombos, lugar onde os negros se refugiavam.

O sofrimento era tão grande que muitas mulheres para não verem seus filhos sendo escravizados chegavam até abortá-los, forma dolorosa de resistir a escravidão as revoltas também foram algo comum que os negros faziam em forma de contestamento a brutalidade de seus senhores um exemplo disso foi a revolta dos malês, movimento acontecido na Bahia em 1835. Os negros conseguiram vários feitos eles foram verdadeiros guerreiros a evidência da resistência negra foi a transmissão de seus valores, na língua, na culinária, na dança, nos costumes e na religião somos o resultado de muita luta e de muita bravura conquistada com muito sofrimento.

ABSTRACT

This article assumes that Brazil, in relation to all the countries of Latin America, received the largest number of African slaves during the sixteenth and nineteenth centuries, and was still, the American country longer practiced slavery. Within this perspective, I analyze different productions of Brazilian historians in their investigations that expose general aspects existing in the sixteenth and nineteenth centuries in Brazil, which can characterize the forms of resistance that slaves had regarding charges that you were intended. Also in the development of the article I propose to approach the fence to adapt to a new culture that was being aggregated to Africans since their arrival in Brazil process.

Keywords: African Slaves - Resistance - Domination.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. FILHO, Walter Fraga. Uma História do negro no Brasil _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

CARDOSO, Ciro F. “A brecha camponesa no sistema escravista”. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1979. pp. 133-54.

FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone. Uma nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

KARASCH, Mary. A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser Escravo no Brasil*. Tradução James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. *Henrique Dias: governador dos crioulos, negros e mulatos do Brasil*. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1988. 73 p.

NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. *Documentos sobre a escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996. (Textos e documentos; 6).

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP. São Paulo: USP, no. 46. pp. 52-65, jun/jul/ago 2000, p. 57.

SOUZA, Marina de Melo e. *África e Brasil africano*. In: CAMARGO, Rosiane de; MOCELLIN, Renato. *História em debate*. Volume 2. Ensino Médio. São Paulo: Editora do Brasil, 2010, p. 174.